



O lixo na comunidade de Buraco Fundo, Gargaú, São Francisco Do Itabapoana – um olhar sobre o manguezal

Rafaela Sampaio Gomes*

Ricardo Terra**

Palavras-chave: Educação Ambiental. Lixo. Gargaú.

Introdução

A questão do lixo está se tornando um dos problemas mais graves da atualidade. Por ser inesgotável, o lixo torna-se um sério problema para os órgãos responsáveis pela limpeza pública, pois, diariamente grandes volumes de resíduos de toda natureza são descartados no meio urbano, necessitando de um destino final adequado. Entretanto, a falta de consciência da população e dos governantes, resulta no lançamento direto do lixo no solo, no ar e na água. Isto acarreta a poluição do meio ambiente e reduz a qualidade de vida do homem (LIMA, 1995).

O desafio da educação ambiental é justamente criar condições para a participação dos diferentes segmentos sociais, tanto na formulação de políticas, quanto na aplicação das decisões que afetam a qualidade do meio natural e social. Neste sentido, a educação na gestão do meio ambiente pode ser considerada como um "[...] processo instituinte de novas relações dos homens entre si e destes com a natureza" (IBAMA, 1997).

De acordo com a UNESCO (1973 apud VASCONCELOS, 2005), uma das dificuldades para proteção dos ecossistemas naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas no plano social nesses ambientes.

Muito se discute com relação aos aspectos técnicos, psicológicos e comportamentais da gestão do lixo, mas frequentemente, o aspecto político é esquecido. O assunto lixo ainda

* Aluna de Licenciatura em Química – CEFET Campos.

** Mestre em Produção Animal/UENF. Professor do CEFET Campos.

não se tornou objeto de demanda por políticas públicas devido à insuficiência das iniciativas isoladas que não atingem seus objetivos de forma ampla e coesa (LAYARGUES, 2005).

O manguezal foi sempre considerado um ambiente pouco atrativo e menosprezado, embora sua importância econômica e social seja muito grande. No passado, estas manifestações de aversão eram justificadas, pois a presença do mangue estava intimamente associada à febre amarela e à malária. Embora estas enfermidades já tenham sido controladas, a atitude negativa em relação a este ecossistema perdura em expressões populares em que a palavra mangue, infelizmente, adquiriu o sentido de desordem, sujeira ou local suspeito. A destruição gratuita, a poluição doméstica e química das águas, derramamentos de petróleo e aterros mal planejados são os grandes inimigos do manguezal.

O presente estudo tem como objetivos principais: avaliar a percepção de lixo da comunidade de Gargaú, caracterizar os destinos deste lixo, sensibilizar para conscientizar a comunidade, no que diz respeito ao lixo no mangue, a partir de histórias em quadrinhos.

Material e métodos

Gargaú está localizada no município de São Francisco do Itabapoana, situado na região Norte Fluminense, a 320 km de distância da capital Rio de Janeiro e 60Km da cidade de Campos dos Goytacazes. A região possui o maior manguezal, situado no estuário Secundário do Rio Paraíba do Sul, 21°36'00''S e 41°03'00'' N, entre os municípios de São Francisco do Itabapoana e São João da Barra.

O manguezal tem sido usado pela população como fonte de subsistência, extraindo-se, dali, caranguejos, ostras e peixes e também para a obtenção de lenha, abertura de pastagens e expansão urbana. Além disso, há a poluição dos canais que cortam o manguezal por esgoto doméstico e resíduos de frigoríficos. A construção de um dique na margem direita do canal de Gargaú, com a finalidade de navegação dos barcos pesqueiros de porte médio, com material dragado do próprio canal, impossibilita o fluxo das marés, que é fundamental para a vida no manguezal.

Os questionários foram aplicados aos residentes do bairro “Buraco Fundo”, no mês de maio de 2007, aproveitando para observar as condições ambientais em que estas pessoas viviam. Foram totalizados 42 questionários respondidos. Também foi confeccionada uma história em quadrinhos como material de apoio para o desenvolvimento das ações educativas.

Resultados e discussão

Foi aplicado um questionário geral, com perguntas abordando vários aspectos da vida dos moradores do Buraco Fundo. Uma análise socioeconômica mostra que 42,9 % da população residente deste bairro, no que diz respeito à faixa de idade dos entrevistados, estavam na faixa de idade dos 31-40 anos. O grau de escolaridade variou de analfabeto até superior completo, e a maioria (65,9%) apresentou o fundamental incompleto. A renda média mensal destas pessoas varia de < 1 até 5 salários mínimos, sendo 47,9% recebem uma média de 1-2 salários, tendo a pesca e o caranguejo (>30%) como principal fonte de renda.

As questões envolvendo o lixo mostraram que 81% dizem que jogam na lixeira, mas, analisando o resultado da análise macroscópica do aplicador do questionário, surpreende o fato de 61,9% das residências terem lixo espalhado em seu quintal e, conseqüentemente, no manguezal, que fica nos fundos das casas. É sabido que o lixo atrai grande diversidade de insetos e animais que estão à procura de comida. Os entrevistados responderam que há a presença de mosquito (81%), moscas (57,1%) e baratas (52,4%). Outros tipos de animais, também citados pelos moradores, foram cobra, rato e sapo. A presença desses animais reflete poluição e doenças. Os mosquitos transmitem moléstias como dengue e febre amarela, as moscas e baratas contaminam os alimentos e transmitem doenças, uma vez que são hospedeiros de bactérias que causam diarreia, vírus da hepatite e protozoários (RODRIGUES; GAVINATTO, 1997). Os ratos são transmissores de leptospirose, além de “roubaram” o alimento e a presença de cobras e sapos mostra que o habitat desses animais foi invadido pelo homem, que construiu suas casas no manguezal.

A coleta de lixo ocorre três (3) vezes por semana em 73,8% das residências, o que não justificaria a necessidade de se desfazer do lixo no manguezal. Mas a falta de consciência presente em tal atitude fica mais nítida quando se avalia se os moradores sabem para onde o lixo é levado, porque 85,4% não sabem. Este resultado reflete o desinteresse da população, que se importa apenas em saber que o lixeiro “desaparece” com o lixo (ARAÚJO; LEMOS, 2007) também observaram o desinteresse para o destino final do lixo, por parte dos alunos da 7ª série de duas escolas públicas de Gargaú, o que demonstra uma necessidade de Educação Ambiental para toda a comunidade do Buraco Fundo.

Os problemas ambientais resultantes da má disposição favorecem a proliferação de animais transmissores de doenças transmissíveis (vetores como baratas, moscas e ratos); à

contaminação das águas e dos solos; a poluição do ar e a redução da qualidade ambiental nestes locais influenciando comunidades.

Ao perguntar se achavam o rio poluído, 90,5% acham que sim. Em relação ao fato de esta comunidade não ter saneamento básico, como a coleta de esgoto para uma estação de tratamento, a solução tomada, por 71,4% da comunidade, foi descartar o efluente doméstico diretamente no rio ou no manguezal. Uma saída para esta situação seria a construção de fossas, porém o solo é extremamente lodoso, o que impede o escoamento de água, enchendo logo a fossa. Nota-se que a população tem consciência de que está poluindo o rio, uma vez que um terço dos entrevistados acusaram a própria comunidade como os maiores poluidores do rio. Os frigoríficos, juntamente com a comunidade, foram citados por >80% dos entrevistados como os responsáveis pela poluição do rio. Apesar de todos esses detritos, o rio é responsável pelo abastecimento de água de milhares de pessoas e ainda deságua toda a sua poluição no mar. Nesta situação estão vários rios brasileiros (PLANÁGUA, 2007).

Diminuição do tamanho dos caranguejos e desmatamento, que podem estar sendo provocados pela pesca predatória com “redinhas” e pela retirada de madeira, foram citados por 38% dos entrevistados como as maiores alterações sofridas pelo manguezal. A descaracterização das comunidades litorâneas de pescadores traz a introdução de técnicas predatórias como: o óleo queimado, o gás, o carbureto, o gancho, a enxada, a foice, o laço, a “redinha” e a rede de braça. Associado a estes métodos soma-se o aumento da captura na quantidade de caranguejo sobre as fêmeas e a indivíduos de tamanhos menores. Além disso, a poluição dos corpos d'água e a degradação dos bosques ainda permanecem crescendo. Toda esta pressão antrópica sobre o caranguejo vem, ao longo dos anos, prejudicando a renovação dos estoques destes animais exclusivos dos manguezais.

Foi confeccionada a história em quadrinho como material de apoio para o desenvolvimento das ações educativas, abordando a questão da poluição do manguezal com resíduos sólidos e a necessária conservação ambiental.

Considerações finais

O diagnóstico socioambiental é, geralmente, a primeira etapa de um projeto de educação ambiental, uma vez que é necessária, antes de mais nada, conhecer a realidade ambiental que nos cerca, a qual, muitas vezes gostaríamos de mudar. O levantamento de informações concretas da realidade local favorece a tomada de consciência dos problemas

ambientais, sendo o primeiro passo para a análise e reflexão sobre suas causas e efeitos na qualidade da vida permitindo, muitas vezes, a descoberta de soluções e alternativas de ação.

Além da delicada situação em que se encontra o manguezal, a falta de conhecimento sobre a importância desse ecossistema é um dos maiores entraves para sua preservação e conservação. Por este motivo, é fundamental implantar e consolidar ações e programas de educação ambiental que desenvolvam um saber não puramente científico e pouco prático, mas um saber crítico e contextualizado.

Referências

ARAÚJO, Natália V. F.; LEMOS, Vivian B. *Percepção do lixo por alunos da comunidade de Gargaú*. Campos dos Goytacazes, 2007. 76p. Monografia em Licenciatura em Geografia. Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET Campos.

IBAMA. *Diretrizes para operacionalização do Programa Nacional de Educação Ambiental*. Série meio ambiente em debate, n. 9. Brasília: IBAMA, 1997.

LAYRARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.). *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Luiz Mário Queiroz. *Lixo: Tratamento e Biorremediação*. São Paulo: Hemus Ed. Ltda., 1995.

PLANÁGUA SEMADS-GTZ. ALVES, Jorge Rogério Pereira (Orgs.). *Manguezais: educar para proteger*. Rio de Janeiro: FEMAR: SEMADS, 2001.

RODRIGUES, F. L.; CAVINATTO, V. M. *Lixo: De onde vem? Para onde vai?* São Paulo: Moderna, 1997. Coleção Desafios.

VASCONCELOS, F. A. L. *Análise comparativa da percepção ambiental e conhecimento de alunos da rede pública e particular da Região Metropolitana do Grande Recife acerca do tema “Ambientes Recifais”*. Recife, 2005. 70 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) Universidade Federal Rural de Pernambuco.